



CAMINHOS & DESCAMINHOS
Todos os direitos reservados ao autor.

REVISÃO
<https://mundoescrito.com.br/>

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Themis Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coutinho, Renato
Caminhos & descaminhos / Renato Coutinho. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2021. --
(Caminhos & descaminhos ; 2)

ISBN 978-65-00-18342-9

1. Ficção brasileira I. Título II. Série.

21-58251

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

RENATO COUTINHO

Contato:
renatopantera@t-online.de
+4915778797200

CAMI
NHOS
& DES
CAMI
NHOS

VOLUME DOIS

Primeira edição [2021]

RIO DE JANEIRO (RJ)

Edição de autor





Um dia em Copacabana, Jorge Amado me falou que eu iria escrever um livro. Não acreditei, interpretei como uma brincadeira dele para comigo e o disse na mais profunda da minha humildade e senso autocrítico que eu não era capaz. Eis que este já é o livro Caminhos & Descaminhos Volume Dois. Muito obrigado in memoriam, senhor Jorge Amado, por ter enxergado em mim o autor que eu nunca imaginei um dia ser.





UM

Na segunda-feira de manhã, Rogério levantou-se cedo após ter dormido horas. Ainda sentia o fuso horário e a diferença de cinco horas entre Brasil e Alemanha. Foi à cozinha beber água e percebeu que sua mãe já havia saído para ir trabalhar. Caminhou até o quintal da casa, olhou para o céu e viu que seria um dia quente, o motivando a ir à praia cantar. Tomou banho, pegou o violão e foi para a estação de Bento Ribeiro. O trem não demorou a chegar. Estava lotado de passageiros e de vendedores ambulantes. Era impressionante a quantidade de pessoas que circulavam pelos vagões vendendo e oferecendo produtos dos mais variados. Adultos, adolescentes e crianças transitavam em um vaivém constante; os passageiros compravam balas, água mineral com e sem gás, sucos, produtos domésticos e outros tantos mais. Rogério refletia que aquelas pessoas faziam e fazem parte das estatísticas que apontavam para o grande número de desempregados no Rio de Janeiro e no Brasil, em geral. A criminalidade aumentava a cada dia e aquelas pessoas faziam das vendas nos trens as suas fontes de renda e de sobrevivência. Na verdade, faziam o mesmo que Rogério, só que este de forma artística. Ele vendia sua arte musical e sua alegria nas praias. Os vendedores “trembulantes”, como gostava de chamá-los com todo carinho e respeito, vendiam de tudo (ou quase tudo)...

Chegou em Ipanema com a sensação de que estava voltando para o lugar de onde, talvez, não devesse nunca ter saído. “Mas há momentos na vida em que devemos ter coragem de correr riscos, com a intenção de mudar os caminhos”, pensava consigo.

Na praia, os colegas barraqueiros ficaram felizes ao revê-lo. Às 9h, ela já estava cheia de banhistas e de turistas. Rever aqueles colegas batalhadores o fez sentir feliz. Foi um dia vitorioso. Cantou, animou os banhistas e turistas; no fim do dia, já com a praia vazia, se viu sentado na areia, de frente para o mar, contemplando o pôr do sol e refletindo sobre a proposta do português que o convidara a retornar à Alemanha, desta vez para trabalhar em seu restaurante e tocar para os clientes nos fins de semana. Admirava o mar, o quebrar das ondas, e pensava consigo se realmente seria positivo o convívio com os portugueses que frequentavam o restaurante Lisboa, em Stuttgart. Deu um mergulho e refrescou a cabeça, confusa de tanto pensar. Após muito refletir, decidiu que aceitaria o convite e a passagem aérea que Joaquim lhe prometeu caso decidisse voltar a viver na Alemanha. Foi embora da praia e, no caminho, viu uma cabine telefônica que fazia ligações internacionais. Da carteira, pegou o número de telefone que Joaquim o dera e ligou a cobrar:

— Alô! Joaquim, sou eu, Rogério. Decidi que aceito retornar à Alemanha e trabalhar com você.

Joaquim ficou muito feliz com a notícia; logo enviaria a passagem pela companhia aérea portuguesa. No dia seguinte, poderia ir ao escritório da tal companhia aérea, no centro do Rio, retirar a passagem, que teria validade de seis meses. Despediram-se. Rogério ficou bastante feliz; concluiu que, daquela vez, a adaptação seria bem melhor. A língua não seria uma fronteira no processo de adaptação: os portugueses e, principalmente, o irmão de Joaquim, gostavam muito dele; com certeza o ajudariam.







**Tomei a decisão
E agora, irmão?
Como fazer pra me livrar dessa
situação?
Cada dia é uma eternidade
Bate em meu peito
Uma grande saudade...**







DOIS

Já eram 20h30 e Rogério ainda estava em Ipanema. Ele tinha deveras empatia com aquele bairro. No caminho em direção ao ponto de ônibus, observava as pessoas, a vida boa que tinham, usando roupas de marcas famosas e esbanjando conforto. Pensava consigo que, um dia, também teria aquele bom nível de vida social e que poderia usar boas roupas e se perfumar com perfumes de alta qualidade...

Apesar da simplicidade que tinha, admirava o quanto fazia e faz bem ter boa condição financeira. Há muitas pessoas que dizem: “dinheiro não traz felicidade”. “Mas ele ajuda muito e evita vários conflitos sociais no comportamento humano”, Rogério não conseguia deixar de pensar consigo.

Pegou o ônibus até o centro do Rio e, de lá, o trem. Chegou em Bento Ribeiro, parou em um bar onde costumava frequentar com amigos músicos, pediu uma cerveja e brindou em pensamento pela decisão de retornar à Alemanha. Bebeu três cervejas geladíssimas e deliciosas e foi para casa dormir. No dia seguinte, às 9h, já estava no escritório da companhia aérea, a fim de retirar as passagens de ida e volta enviadas por Joaquim. Após as retirar, colocou-as dentro do violão e foi à praia se despedir dos colegas e dos muitos admiradores de suas performances musicais e artísticas. Estes desejaram-lhe muita sorte e disseram estar tristes por ele ir e não

mais proporcionar alegria a todos, mas, ao mesmo tempo, felizes por Rogério ter tido mais uma chance de se adaptar à vida na Alemanha, desta vez dada pelo português Joaquim. Rogério recebeu as passagens e viu, na data da viagem, que deveria estar duas horas antes do embarque no Aeroporto Tom Jobim, no dia seguinte. Foi para casa e, assim que teve a chance, contou à sua mãe que decidira aceitar a proposta de trabalho dada por Joaquim. Ela apenas lhe desejou boa sorte, com a frieza de quem nada se importava com o fato de que ele iria voltar à Europa. Sua mãe tinha uma relação fria com Rogério. Fora preterido desde que nasceu, o filho indesejado. A separação, quando estava grávida, a fez desenvolver uma falta de amor, de afeto e de carinho por ele, mas, naquela altura da vida, ele já não se importava com esse fato; já a havia perdoado. Mesmo que essas experiências de infância em família levassem (e levam) a riscos de sequelas emocionais na alma, Rogério era um jovem sensível e humanista. Ele carregava consigo a filosofia católica que diz: “Perdoai, que serás perdoado... É dando que se recebe...”; muito embora refletisse que, na prática do dia a dia das pessoas, não era bem assim que funcionava...



TRÊS

Chegou ao aeroporto às 15h. Logo despachou a pequena mala e o violão. Às 17h35, o avião decolou rumo à Europa. O destino era a Alemanha. Mais precisamente: Stuttgart. Sentou-se na poltrona que lhe era reservada e começou a pensar em tudo o que vivera na primeira ida à Alemanha. E, muito motivado, murmurou consigo que, daquela vez, seria diferente...

Dormiu umas horas e foi acordado pela aeromoça que passava servindo bebidas. Pediu um vinho tinto português seco de uma boa safra da cultura vinícola de Portugal. No convívio com os portugueses do restaurante Lisboa, aprendera com estes que um bom vinho tinto deveria ser seco. Realmente, aquele vinho era uma delícia, como bem diziam os gajos colegas portugueses. Saboreou a bebida, e não demorou para que a janta fosse servida. Em seguida, dormiu horas, só despertando em Lisboa, no dia seguinte. Lá, esperou quatro horas até embarcar adiante, rumo à Stuttgart, onde Joaquim e seu irmão Juazeiro já o esperavam, informados de que o voo estava com atraso. Chegou ao aeroporto de Stuttgart muito cansado, mas feliz por rever aqueles irmãos e a esposa de Joaquim. Ele sentia cada vez mais que, daquele dia em diante, fariam parte de seus caminhos e descaminhos...

Os cumprimentou, recebendo deles as boas-vindas. Juntos, foram para o carro com a mala e o violão. No caminho rumo a

Stuttgart, via as veredas e seus contornos; admirava o quanto as estradas na Alemanha eram limpas e bem-tratadas. Não havia um buraco sequer. Um verdadeiro tapete para dirigir. Na Alemanha, o povo paga os impostos, mas usufrui destes, tendo qualidade nas estradas para dirigirem, dentre muitos outros benefícios. Porém, o que Rogério veio a saber mais tarde era que as estradas na Alemanha foram construídas com alta qualidade pelo sistema de Adolf Hitler para transportar os tanques de guerra em defesa do país e de seus interesses durante a Segunda Guerra Mundial. O Reichsautobahnen (RAB) era uma rede de vias expressas de propriedade do Império Alemão. O planejamento e a construção começaram na época da República de Weimar; depois que os nacional-socialistas chegaram ao poder, em 1933, a expansão foi acelerada. Fora propagada por eles como uma medida contra o desemprego em massa que prevaleceu desde a Grande Depressão, em 1929; mas, ao contrário da opinião generalizada, teve apenas efeitos marginais em sua redução. Além disso, a propaganda nazista prometia a mobilidade da comunidade nacional desejada. O Reichsautobahnen e seu extenso planejamento, mais tarde, formaram uma pedra angular para a rede de rodovias federais na República Federal da Alemanha e para a rede de rodovias na Áustria.